

JARID ARRAES

Redemoinho em dia quente

ALFAGUARA



Copyright © 2019 by Jarid Arraes

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Julia Masagão

Imagem de capa

© VÂNIA MIGNONE/ Casa Triângulo

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Ana Maria Barbosa

Marise Leal

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Arraes, Jarid
Redemoinho em dia quente / Jarid Arraes. —
1ª ed. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2019.

ISBN: 978-85-5652-089-0

1. Contos brasileiros I. Título.

19-26000

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Maria Paula C. Riyuzo – Bibliotecária – CRB-8/7639

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

*Aos que alimentam e aos que
não conseguem arrancar raízes.*

Sumário

PARTE I: SALA DAS CANDEIAS

Sacola	II
Cinco mil litros	17
Moto de mulher	24
Boca do povo	28
Asa no pé	30
Marrom-escuro, marrom-claro	34
Mais iluminada que as outras	37
Telhado quebrado com gente morando dentro	39
Cachorro de quintal	45
Bordado em branco	49
Amor com cabeça de oito	54
Got a flamin' heart, can't get my fill	59
Viração de tempo	64
Gilete para peito	66
De melhor qualidade	70
Voz	72
Até as nove	78
As cores das fitas	81

PARTE II: ESPADA NO CORAÇÃO

Despedida de Juazeiro do Norte	85
Ligar seu fogo lá dentro	88
Gesso	90
Nheim nheim	96
Santa com a base marcada	101
Os fatos dos gatos	106

Graça	III
Não tem onça na serra	II3
Beata princesa	II6
Novo elemento	II7
Como é ruim cair num buraco	I20
Olhos de cacimba	I23

PARTE I

Sala das candeias

Sacola

Pai-nosso, ave-maria, credo e cruz. Obrigada, Padim, por mais um dia. Os pés ligeiros em serem calçados com as sapatilhas ortopédicas. A camisa bordada em ponto de cruz com flores pequenininhas, a saia cinza e o coque no topo da cabeça desciam as escadas todos muito arrumados no corpo. Francisca segurava o rosário. O estômago pedindo café.

De manhã, à tarde e duas vezes à noite, ocupava os lábios com as repetições rezadas, ajoelhadas e ofertadas na caixinha de madeira do altar. Caminhava até o padre, agradecia pela missa, ajudava o sacristão, parabenizava o rapazinho do violão, sorria para a mocinha que cantava não saber se a igreja havia subido ou se o céu é que decidira descer, cumprimentava outras senhoras, outras velhinhas usando seus coques grisalhos, e voltava para ouvir seus papagaios no quintal, enquanto despejava mais um pouco de ração para os gatos.

Não era difícil viver daquele jeito. Havia uma segurança na mesmice, uma certeza de que tudo ficaria exatamente como estava. A solidão valia a pena, espantava os parentes, mantinha a casa limpa e não desagradava a Deus. O que mais podia desejar? Tinha três refeições por dia, a companhia dos bichos e a onipresença de Nosso Senhor.

Sentia o coração um pouco mais alegre quando organizavam uma feirinha de artesanatos na praça e tinha para onde ir depois da missa. Sentava em vários bancos diferentes, como se experimentasse a variação da madeira lascada, e comia um saquinho de pipoca com manteiga, pra não agredir demais as artérias.

Naquele domingo, a feirinha estava especialmente bonita, bem cheia de gente diferente. Tinha saído um anúncio na rádio com a promessa de que um circo grande estaria montado por perto. Não gostava de circo, mas gostava das caras novas e das crianças em suas motinhas automáticas alugadas por cinco reais meia hora.

Estava sentada dando tapinhas nas pernas quando sentiu os dedos estralarem.

— Desculpa aí — disse um rapaz com cara de agoniado.

Tinha os chinelos trocados, mas parecia não perceber. Francisca fez um sinal de tudo bem com as mãos enrugadas e tentou não reparar muito, a juventude é assim mesmo, nunca se sabe o que é mania nova. Mas o rapaz não saiu de perto, ficou plantado no mesmo lugar, coçando a cabeça, os olhos assim arregalados procurando algo por toda a praça, até que derrubou uma sacola com um nó bem dado e saiu andando com pressa.

Francisca ficou olhando para o chão, tentando decidir o que fazer, se deveria correr atrás do rapaz ou se pegava o saco e esperava que ele mesmo desse conta do descuido e voltasse farejando suas coisas.

Por via das dúvidas, pegou a sacola.

É droga, decidiu, ligando os pontos ao tocar dezenas de comprimidos nas pontas dos dedos. Sentiu as pernas moles, frias, formigando. Quase não se deu conta de que já estava atravessando a rua e girando a chave na porta da sala.

O arrependimento veio junto com o baque do trinco se fechando.

E se ele tiver visto? E se vier aqui em casa pegar a sacola de volta? E se for um bandido perigoso? Já imaginava a manchete no Barra Pesada, embalando o pânico familiar da hora do almoço. Com certeza o bandido voltaria com uma gangue, todos danados porque uma velha de igreja tinha roubado um saco cheio de droga. Seria morta rapidinho. Pior, seria morta devagar, sofrendo e pedindo ajuda a Deus. Os gatos veriam seu cadáver apodrecendo e fugiriam, viveriam na rua, procurariam comida em outros quintais. E os papagaios? Os papagaios não sabia o que fariam.

Com o peito vibrando, enfiou a sacola no fundo de uma gaveta no armário da cozinha e subiu para o quarto com toda a intenção de rezar. Padim Ciço que ajude, que tenha misericórdia, porque aquilo não foi feito por mal. Rezou até que caiu no sono com um terço e um rosário pendurados nos pulsos.

Antes que o sino tocasse pela terceira vez, Francisca já subia os degraus da igreja. Sentou logo na primeira fila e se encolheu com os punhos fechados em prece. Começou a murmurar uma oração, mas